

MARIA CERES: Pessoal, nós vamos retomar agora, gostaria de cumprimentar o Jurandir Pessechini, nosso colega da comissão e sua, atual sub-coordenador e nós vamos retomar agora sabendo que nós temos 03 pessoas ainda para fazer o seu depoimento. Ainda que a gente não queira colocar e não deva colocar nenhum limite no tempo de fala, a gente só gostaria de lembrar para as pessoas sentarem e estarem sentadas aí para que a gente possa começar agora. Por favor, Valdo Silva, a sua, o seu depoimento.

VALDO SILVA: Eu vou dividir a minha fala em duas partes. Primeira rápida. É, eu fui processado a primeira vez em 1962. Por um negócio que chamava, manifesto que eu assinei que chamava Frente Parlamentar Nacionalista. Fui preso por causa disso em 62 pelo exército lá em Juiz de Fora. Eu fui presidente da União Juizforana dos Estudantes Secundários, depois presidente de União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais, a UEE. Do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e fui, e era candidato a presidente da UNE em 1968, quando fui preso no congresso da UNE. É, quero dizer a vocês, a repressão era uma merda. Incompetente. Fiquei 02 anos em Belo Horizonte, com 16 prisões preventivas decretadas e nunca me pegaram. Bom, se bem, eu queria fazer uma pequena correção, pegaram sim, mas me soltaram todas as vezes. Fui preso em 66 no congresso da UNE. Fui preso duas vezes em 67, são 05 vezes. Bom, duas vezes em 67 e uma vez em 68, quando fiquei 02 anos presos. Nas outra prisões, a de 66 eu devo ter ficado uns 20 dias, mais ou menos. É, depois fiquei 03 dias, 05 dias. Fui preso em Juiz de Fora uma vez também. Uma prisão de 03 dias. Quer dizer, e os caras não conseguiam me pegar em Belo Horizonte. Eu tenho 01 momentos interessantes, eu fui, eu morava em um aparelho na rua Itajubá. Era um barracão que tinha alugado. Os caras perceberam que eu andava ali pela aquela região, e um dia pararam no ponto do trolebus, que era o trolebus que saía lá da Floresta e ia até a filosofia, até a FAFICH. Onde que era o meu circuito. Onde eu estudava. Me cercaram ali, eles iam sair correndo, me enfiei pela central do Brasil, a linha da central do Brasil e me cercaram uma vez também em frente do hotel que você se referiu ali, Del Rey. Eu entrei dentro do hotel, os caras do hotel me tiraram lá por trás, tinha o Jornal Estado de Minas ali do lado e eu me enfiei lá no Estado de Minas e fui me embora. Tem uma mudança de qualidade num determinado momento. A partir do final de 68 a repressão muda de qualidade. O exército se engaja, a marinha, a aeronáutica, se engajam coordenando a repressão. E põe a Polícia tratava de criminoso, para fazer operação. Daí pra frente muda. Então como eu fui preso inúmeras vezes no período anterior, eu apanhei várias delas, mas nunca fui torturado. Apanhei mesmo, e me bateram muito, principalmente em 66. Por causa do congresso da UNE. Eu nunca fui torturado. A tortura se

engaja violentamente a partir de 1969. Até ali, era outra coisa. Era um mundo diferente, a repressão era um mundo diferente ainda. Bom, isto posto, a universidade era uma maravilha, os professores muitos apoiavam a gente. Diretor da Faculdade de Filosofia, Pedro Parafita de Bessa, eu o Coronel Medeiros que quase foi presidente da República, dirigiu o IPM e me pediu 27 anos de prisão. O IPM. O IPM é aberto com um depoimento do Pedro Parafita de Bessa dizendo assim, o Valdo sempre defendeu patrimônio público. Que Polícia que quebrava tudo. O juiz de Juiz de Fora olhou aquilo que jogou fora o processo. Ainda gritava, na minha frente, milico burro, como que deixa fazer isso? Eu estou dando um exemplo da burrice, não é? O DOPS era uma porcaria, os caras eram ruins feito um capeta. Ruim, incompetente mesmo. O DOPS tinha um tal de Davi Hazam, que um dia nós jogamos um foguete na passeata, jogamos um foguete no peito dele, ele queria matar a gente por causa disso, mas não sabia quem era, não sabia se era eu ou o João Batista Mares Guia, era um dos dois, então nós formamos no ano de 68 um negócio louco. Nós criamos aqui em Belo Horizonte um grupo que era chamado de Incrível Exército de Brancaleone. Tinha manifestação todo dia no centro da cidade. E os caras da Polícia que conversaram comigo depois, dizia assim, você estava enlouquecendo a gente. Que o quartel ali vivia de prontidão. Nós não sabíamos como fazer, eles não sabiam o que fazer. Tem a partir de um momento adiante, vem aqui um cara da CIA lá, não sei como é que eles chamam, foi inclusive fecharam ela, Dan Mitrione, e começa o treinamento das forças armadas brasileiras, as forças armadas para torturar e é um momento determinado que as forças armadas dizem o seguinte, não tem mais conversa. É matar. Mata. É, eu fui transportado no período de prisão de Juiz de Fora para São Paulo, primeiro daqui para São Paulo, depois de São Paulo para Juiz de Fora, depois de Juiz de Fora para São Paulo. Fiquei umas duas noites na Academia das Agulhas Negras. Tinham uns caras do exército presos lá, um tenente que eram ligados a um tal de General Albuquerque Lima. Eles me diziam o seguinte, a nossa solução virá. A solução indonesiana. Um tal de Sucarno matou 800 mil pessoas, Sucarno, o Suarte foi o que substituiu o Sucarno. 800 mil pessoas liquidava. A Argentina entrou num processo semelhante, matava todo mundo. Pegava e matava a família. O Brasil não chegou nisso. Mas tinha uma forte corrente. Dentro das forças armadas que defendia essa solução. A Polícia política era de uma incompetência absoluta. Sabia matar, torturar e tal, mas não sabia o quê que estava acontecendo. Fui citado várias vezes a ação popular. Eu nunca admiti que era de organização nenhuma. Sempre disse, não sou de organização nenhuma. Mas era da AP. É, a ação popular, o Governo Militar só começou a entender ela, a partir do final de 68. No IPM dirigido pelo Coronel,

General Medeiros. Até lá não conhecia. Nos depoimentos que eu respondi, tinha mais de 50, estou exagerando talvez. Mas 20, 30 organizações da qual era considerado ligado. Eles não entendiam nada. De fato. Depois entenderam, evidente. Depois de 68, depois do AI-5, aí sim começa um processo de mudança. Essa é a primeira parte. A segunda parte eu quero mudar o que aqui é o nosso hábito de tratar. Eu quero dizer o seguinte, o Monsignor Jean Paul Sartre, escreveu um negócio assim, nós nunca fomos mais livres que sob a ocupação alemã. Tínhamos perdido tudo, ele fala, nossos direitos, não sei o quê, tudo. Assim a questão mesmo da liberdade se colocava em estarmos no limiar do conhecimento mais profundo que o homem pôde ter de si mesmo. O segredo de um homem não são seus complexos. É o próprio limite da sua liberdade. É o poder de resistência, os suplícios e a morte. Eu quero dizer o seguinte, eu fui extremamente feliz. Fiz parte de uma geração que mudou o mundo. Eu mudei o mundo. Yves Saint Laurent fez uma declaração uma vez dizendo assim, esse tal de juventude mudou a roupa, mudou a roupa das mulheres da alta sociedade, o prêt-à-porter segundo o Yves Saint Laurent nasceu em 1968. Com as manifestações de rua. E o mundo inteiro. As crianças eram espancadas pelos pais. Os velhos eram desprezados até onde não podia ser. Lugar de mulher era no cacete. Nós mudamos o mundo inteiro. Eu sempre gostei de hippie. A esquerda não gostava não, mas eu sempre tive simpatia pelo hippie, pelos hippies, em especial pelo beatniks, aqueles malucos. Os beatniks queriam mudar o mundo e mudaram. Quem ganhou a Guerra do Vietnã foi lá dentro dos Estados Unidos. Foi a juventude norte-americana que derrotou o exército norte-americano. É claro que os vietcongues eram, eu conheci um americano, professor americano em Paris que me disse assim, a partir da ofensiva do TET em 1968, nós descobrimos, o povo americano que os vietnamitas eram imbatíveis. E eram mesmo. Por quê que eram imbatíveis? Por causa de um negócio que chama liberdade. Esse negócio que chama liberdade tem duas naturezas diferentes. A primeira natureza são as relações sociais. Liberdade é norma e regra de convivência. Em especial com a característica da persuasão racional, e do entendimento pacífico na luta de ideias. E uma outra natureza a liberdade. Era é uma herança de uma ruptura genética que transformou o homem de animal, regido pela seleção natural do Darwin, para um animal regido por uma seleção adaptativa. Então essa seleção adaptativa é a liberdade individual, o livre arbítrio. E a relação dessa liberdade, que é uma herança genética é com a resistência. Nossa capacidade que nos diferencia do resto do reino animal, é nossa capacidade de fazer escolhas. Nós fazemos escolhas e o que nos diferencia é a nossa capacidade de resistir a qualquer forma de opressão, por causa dessa liberdade que é de origem genética. Único jeito de ser feliz é no exercício dessa liberdade.

E aí eu vou reafirmar. Eu participei de uma juventude, de ter ganho uma juventude que foi profundamente feliz. Profundamente, nós tínhamos uma vida absolutamente alegre. Por quê? Porque nós mudamos o mundo. Quem perdeu não fomos nós não. Quem perdeu foi o Newton Cruz. Ele foi derrotada, nós ganhamos. O Rockefeller perdeu. Nós ganhamos. Nós mudamos o mundo. Nós fomos derrotados no ponto de vista da luta pelo poder. Fomos. Momentaneamente derrotados. Porque até hoje nós continuamos ganhando. Ora perde, ora ganha. Isso faz parte do curso da história. Agora, ninguém mata veado mais. Mata os filhos da puta que tem por aí. mas se for preso, e for pego, vai preso. Ninguém espanca mulher mais. Espanca, sim e se for pego, vai preso. Nós libertamos o mundo com uma carga brutal de opressão. Eu vou dizer que eu perdi? Eu não. Eu sou um vencedor. Quem perdeu foram eles que perderam. Insisto em dizer o seguinte, a liberdade e o Sartre fala isso aqui muito bem, tem a ver com a capacidade de resistência à opressão. É isso que é uma definição de liberdade. E é o que eu me senti. É o que eu senti na minha vida. Eu senti perfeitamente que eu era livre, embora fosse preso. Mesmo preso, antes 02 anos no presídio Tiradentes, que a Eleonora se referiu. Depois em Juiz de Fora, em Linhares, eu sempre me senti livre. Sempre. Por quê? Eu consegui que a minha capacidade de resistência me tornasse um indivíduo livre. É o que fala aqui o Senhor, Monsignor Jean Paul Sartre. Então. O mundo tem uma adágio popular engraçado que diz assim, o mundo é uma bola quadrada que gira parada em torno do nada. O quê que isso quer dizer? Que o mundo é regido pela contradição. Quem percebeu isso foi um cara chamada Heráclito. O obscuro Heráclito de Éfeso. Que percebeu que ao tudo mudava, tudo muda. Menos a mudança. Então, vou ficar preocupado com o que está acontecendo com esses picaretas, esse sistema de podre. Eu não, vai mudar. Vai mudar. Ele vai mudar. Provavelmente eu vou até assistir essa mudança. Por quê? Porque a aceleração do tempo histórico é cada vez maior. E o tempo histórico não é tempo cronológico. Ele é medido como diz lá o poeta grego. Arquíloquo. Ele é medido pelos ritmos a que os homens estão submetidos. E nós estamos submetidos a ritmos aceleradíssimo. Então a minha visão do mundo é absolutamente otimista, é cética. Que quem não é cético é burro. Quem esquece do ceticismo é burro. Ou ingênuo. Que às vezes é a mesma coisa. Mas eu sou profundamente otimista. A humanidade melhorou de uma maneira, e a minha geração teve um papel importantíssimo nisso. Quanto tempo tem? Tenho mais alguns minutos Ceres? É? Então nesse processo, eu fui acompanhando o seguinte. É, tem sistemas, eu fui estudar termo-dinâmica em 1973, eu tinha uma situação dramática aqui porque eu não podia mais sair de casa. Os caras diziam assim, vão matar você. É só qualquer escorregão você morre. Eu fui embora para a

França. Fui fazer o quê? Fui ensinar termo-dinâmica. Por quê? Porque eles estavam abrindo uma, a Fiat aqui e eu pensava que a classe operária que ia mudar o mundo. Não é não. Quem pode mudar o mundo é a juventude que pode mudar o mundo. Mas eu fui estudar termo-dinâmica e descobri uma coisa chocante. É, segundo um cara chamado Ludwig Boltzman, todos os sistemas caminham para uma desordem. Quer dizer o seguinte, caminha para o esfriamento. É o contrário da ideia de desordem que a gente tem. A gente pensa que desordem é bagunça. Não é não. Na termo-dinâmica desordem é falta de bagunça. Quando o sistema se resfria ele paralisa. Provavelmente para o universo daqui a uns milhões de anos, vai estar completamente resfriado é a entropia máxima que ele vai atingir. Alguns sistemas eu fui descobrir isso, sei lá, em 1975. Onde um cara chamado Eli Briogene, um russo, belga, francês, desenvolveu um negócio chamado Estrutura de Dissipativos. Nas estruturas dissipativas, a tendência é o aumento da ordem. Ou seja, a diminuição da entropia, os sistemas sociais são estruturas dissipativas. A ordem aumenta cada vez mais. Como que se dá esse processo? Primeiro, as contradições. O Heráclito com a contradição. A contradição gera a mudança. Complexifica o sistema. A complexidade complexifica aumenta a desordem. A desordem que o sistema se reproduza leva à ordem. Então qual que é o processo humano? O processo humano é o seguinte, complexidade e aumento da ordem. Aumento da ordem na termo-dinâmica é colaboração, cooperação, conflito, unidade. E tem uma coisa essencial para ser compreendido. A contradição não é contradição é unidade de luta. É unidade de fracionamento. Se romper essa relação de unidade de fracionamento não tem contradição mais. Desapareceu a contradição. E essa relação de unidade de fracionamento, de conflito, de disputa, de embate, entre as moléculas que gera os sistemas dissipativos, se aplica ao desenvolvimento do sistema humano. O conflito, o embate, o movimento é que leva ao aumento da ordem. O aumento da ordem é a linha do horizonte da espécie humana. Em direção ao aumento da ordem. Então não tem pessimismo possível se você tem uma visão da história. Agora, se você tem uma visão metafísica da história, se você separa tudo em partes, você não consegue compreender o todo, certame você vai ser pessimista. Não tem dúvida. Insisto em dizer. Não se poder perder a relação do ceticismo. É preciso sempre esperar o pior. Mas o pior é sempre melhor do que era antes. Não tenho dúvida nenhuma disso. E o movimento estudantil dos anos 60, está antes. Nos beatniks e hippies e tal, foi num salto majestoso na história humana. Aqui no Brasil, nós vivíamos assim, cinema novo, bossa nova. Nós mudamos nosso país. Nosso país ingressou na era industrial não é? Tem gente, que nunca compreendeu para produzir automóvel tem de ter uma política de longo prazo. Tem que fazer estrada, tem que ter petróleo,

tem que ajeitar a cidade, tem que mudar as cidades. Se você começar com um automóvel sem preparar uma estratégia para o futuro, vai dar no desastre e deu. Agora, esse desastre não é um ponto terminal. De jeito nenhum. Ele continua todos os sinais continuam a indicar no sentido do futuro. No sentido que o mundo vai melhorar. A própria consciência política. Eu prefiro dizer assim, a consciência crítica que é a capacidade de utilizar ao mesmo tempo o raciocínio, a razão, associada à contradições, é um elemento que empurra a humanidade no sentido da evolução. Nossa geração que inúmeros amigos, colegas de faculdade que estão aqui, nossa geração mudou o mundo. Mas deu um salto no mundo. Nós mudamos comportamento. Nós mudamos a expectativa de viver melhor. Mas principalmente eu vou insistir no seguinte, eu fui preso, apanhando, eu fui extremamente feliz. E só pode ser feliz, eu vou voltar ao Monsignor Sartre, só pode ser feliz quem é capaz de resistir. A resistência é a essência da noção de liberdade individual. Era isso que eu queria falar.

MARIA CERES: Obrigada Valdo. Samira por favor. O depoimento, obrigada.

SAMIRA ZAIDAN: Eu quero dizer que eu estou muito honrada de constituir esse grupo. Cumprimento a todos os presentes e parceiros aqui da mesa. Eu queria situar inicialmente o quê que foi a minha participação. Eu comecei no ano de 67, final de 67, 68 e 1969 é como secundarista participando do movimento estudantil. Eu fui aluna do Colégio Municipal Belo Horizonte. Nesse período acompanhando o movimento universitário, nós participávamos como secundaristas nas assembleias quase que diárias na Escola de Direito. De um lado um grupo que eu só lembro liderados por uma, um companheiro que era chamado de Barbosinha. Do outro lado um grupo, João Batista dos Mares Guia, Jorge Batista, Athos Magno, não sei bem porque motivo mas eu ficava desse lado e nós estávamos juntos apesar dessa divisão dos dois lados, que sempre ocorria nas discussões na escola de direito, ao sair para a rua, ao sair para manifestações como todos falaram aqui nesse período de 1968 eram quase que diárias, saíamos juntos. Eu fui também nesse época, acredito que tenha sido simpatizante, não sei bem definir o quê que eu fui, mas fiz parte de um grupo da VPR – Vanguarda Popular Revolucionária. Nós tínhamos um grupo de estudo, discutíamos a realidade brasileira, discutíamos as alternativas à ditadura, a discussão do Foxismo era muito forte e neste grupo participaram várias pessoas entre elas o Fernando Pimentel que hoje é nosso Governador e outras pessoas cujo nome eu não sabia e por não conhecê-los até hoje, eu não sei dizer exatamente quem eram. É no ano de 1969, nós vamos ter então a finalização desse processo e ver com o AI-5 como todos falaram aqui,

inicia-se um novo momento histórico. A minha participação única nesse período foi no ano de 69 a pedido de algumas lideranças, entre elas, o Athos Magno, que reuniu um grupo de secundaristas e pediu, olha, a polícia vai fechar tudo, se vocês puderem pelo menos frequentar o DCE diariamente que vai, a UEE na verdade. Que a sede do DCE na rua Guajajaras era a UN. Então ele, o pedido dessas lideranças que entravam na clandestinidade era que nós não deixássemos fechar, não deixássemos que a polícia tomasse conta e que a nossa frequência pudesse garantir os serviços de advogado, médico e fazer a carteirinha dos estudantes. Daí tem um, veio 69, vem uma mudança completa e volta o movimento estudantil em 1973 como aluna da UFMG, eu estudei matemática. Até 1977 eu estive na UFMG. Entrei já no movimento pelas calouradas. Depois participando do DA-ICEX que foi um diretório muito ativo, quer dizer, citou-se muito a FAFICH, mas a primeira greve da UFMG foi no ICEX não foi na FAFICH nos anos 70. E depois fui por uma eleição indireta fui presidente do DCE é que foi a última eleição indireta que nós fizemos no ano de 1976, a primeira eleição direta para o DCE à revelia da lei. E também fui a primeira mulher presidente do DCE, isso não era algo muito presente para mim à época não é? Se der tempo eu vou contar um caso aí no final sobre essa coisa de ser mulher, o movimento feminista começava a se organizar, mas eu não me via como feminista àquela época. Nós tínhamos nos anos 70, de 73 a 77 uma organização muito forte multa Universidade. Eu vou entrar em detalhes daqui a pouco, mas eu queria dar o dado nesse depoimento, que nós tínhamos, eu participava de um pequeno grupo mineiro, entre as pessoas que estavam nesse grupo, que nós chamávamos de organização, era apenas um grupo que tinha a pretensão de se organizar, de entender o contexto, de pensar mais para frente uma transferência social, do qual participava o Aloísio Marque que está aqui, o Virgílio Guimarães, o João Machado Borges Neto entre outros companheiros. Durante os anos 70 então nós vamos ter, eu vou me referir a partir de 1971 sempre com a referência no DCE que era uma entidade que realmente agregou e dirigiu o processo do movimento estudantil nesse período. Então 1971 nós vamos ter à frente do DCE o estudante Ítalo Biagio Flora que era da odontologia. Em 1972, o João Machado Borges Neto que era da economia. Em 1973 o Virgílio Guimarães de Paula que também era da economia. Em 1974, Flaminio Fantini, que era da comunicação, da FAFICH. Em 1975 sou eu. Em 1976 o Jânio Bragança. Jânio de Oliveira Bragança que era do inicialmente do Instituto de Ciências Exatas, depois foi para a FAFICH e em 1977, o Jésus Santiago que hoje de manhã cedo fez aqui para nós fez uma colocação. Eu quero dizer para vocês que nunca fui presa. Então atuando nos anos 60 e nos anos 70, talvez pelo estilo mais mediador, talvez porque não tenha me exposto, eu

estive 01 mês no ano de 1969, durante 01 mês eu fui guardada numa casa. Que quando eu saí eu descobri que ela era na frente da FAFICH, por um mês mas eu acredito que seja mais para que eu não desse os contatos, que eu não, enfim, eu não acredito que a minha pessoa tivesse algum significado ou algum tipo de risco. Bom, nessa segunda parte eu quero então explicitar algumas ideias. No período então, eu acho que agente pode dizer que no período de 1964 a 1968, nós vamos ter esse movimento estudantil muito forte. Nesse contexto cultural que vários aqui já falaram. Que os estudantes universitários mineiros reuniam, discutiam, realizavam muitas manifestações e essas manifestações abordavam questões do ensino, mas principalmente a denúncia das ações da ditadura. Há muita denúncia da pobreza não é? Então a gente pode dizer que a expressão principal dessa fase é pela derrubada da ditadura, e neste movimento faziam-se presentes agrupamentos diversos. Então nós vamos ter sempre aquela face externa, pública, e vamos ter a face interna das organizações, dos grupos que tentavam em agrupamentos menores, ter uma análise, construir alternativas mais consequentes não é? O ano de 69 foi então o ano da repressão, das prisões, do desmanche não é? Amigos presos, desaparecendo. O AI-5, a Lei de Segurança Nacional, o Decreto-Lei 477. Então os movimentos sofrem um terrível baque nesse ano. E nós vamos ter o fechamento da UNE e das UEE's no caso a União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais que era liderada pelo Athos Magno Costa e Silva, que era da Faculdade de Medicina que imediatamente entra na clandestinidade no final, já no final de 68, início de 69. Então toda e qualquer forma de manifestação pública era proibida. Quer dizer, o que nós vivíamos estando neste final da década de 60, era o anúncio das prisões, das torturas como as prisões não eram públicas e nem sempre o preso era localizado, muitas sessões de torturas levaram à morte ou desaparecimento como todos nós sabemos e a partir daí nós vamos ter um período de profunda depressão. No âmbito da universidade, nós temos uma especificidade da UFMG que é muito importante ser ressaltada. A partir do AI-5, da Lei de Segurança Nacional, os DCE's do Brasil inteiro são fechados. E os diretórios acadêmicos também são fechados. No final dos anos 60, início dos anos 70, a única que eu saiba, a única universidade que mantém DCE e diretórios acadêmicos é a UFMG. Eu coloco isso numa ação interna da universidade. Quer dizer, a universidade fechou, acatou o fechamento da UEE, transformou a sede da UEE em sede do DCE, estabeleceu um controle financeiro sobre o DCE e estabeleceu as eleições indiretas. De modo que já no ano de 1969, aí e foi o período que nós estivemos lá para garantir o funcionamento, ele existiu até que chegou o estudante indicado, não sei como, aí eu já não tenho esse detalhe, mas desde os anos 69 e 70, nós tivemos essa possibilidade do funcionamento das



entidades. Isso foi interessante porque além de tomar todas essas decisões de manter e não fechar, a reitoria destinou compulsoriamente uma taxa, 10 dinheiros na época, cada estudante pagava ao DCE e aos DA's para ter direito à carteirinha, que era muito útil para as atividades culturais da cidade. Isso constituiu-se numa base de trabalho, uma base de estrutura muito grande para essas entidades. Bom, eu então agora vou me referir aos anos 70. Nos anos 70 que eu acho que é a fase que eu, de 1973 a 77 é a fase que nós como todos hoje já falamos no período de reconstrução nós vamos ter uma universidade vigiada. Quer dizer, os anos 70 são inacreditáveis para os estudantes de hoje. Uma universidade vigiada, significa que você não podia afixar um cartaz na parede. Que você não podia reunir, convocar uma reunião. Então os anos 70 ele foram anos que além, utilizando-se dessa estrutura das entidades estudantis, eles foram anos que buscaram abrir espaços utilizando principalmente as atividades culturais. Então nós vamos ter a calourada, nós vamos ter no ano de 1972 os grandes shows. Então Chico Buarque veio cantar aqui. Outros grandes artistas que era a oportunidade de reunir os grupos. E esse recurso financeiro proporcionava a realização de atividades culturais, festivais e um conjunto de atividades que levavam ao reencontro dos estudantes. Nós sabemos hoje que os dirigentes universitários enfrentavam também muita pressão do Governo. E dos órgãos de segurança e a universidade teve que engolir a AESE – Assessoria Especial de Segurança Interna que também já foi referida aqui hoje. Até onde eu pude acompanhar e à época esse era um assunto conversado na reitoria quando nós tínhamos as nossas visitas que na verdade era um embate do movimento estudantil na reitoria. Mas até aonde a gente pode reconhecer, esta assessoria de segurança interna ela era compulsória e não era muito do agrado da equipe dirigente da reitoria, provavelmente de uma parte da reitoria sim não é? Bom, as diretorias que sucederam a frente do DCE e do DA desde então, apoiavam a iniciativa de reorganização estudantil no âmbito da educação básica com grupos de secundaristas e também das universidades privadas, com a criação de entidades estudantis. Na verdade, como o DCE tinha dinheiro, os DA's também, nós apoiamos iniciativas do movimento estudantil nacional. Muitas, muitas. As pequenas reuniões pagando passagem, trazendo grupos para reunir aqui. Nós tínhamos uma estrutura gráfica muito grande de fazer publicações não é? Uma dessas ações importantes foi a criação do jornal Gol a Gol, se pegar com o pé é dibra, que era o nome para despertar a atenção. Tinha lá uma historinha que explicava o sentido desse jornal, mas o jornal Gol e Gol, se pegar com o pé é dibra teve a primeira edição em 1972 e pelo que eu saiba ele seguiu por muitos e muitos anos. Tratava de assuntos da cultura brasileira, da censura, do ensino, do vestibular, da denúncia da pobreza.

Algumas matérias eram irreverentes, divertidas, sempre tinha uma série de colaboradores da cultura. Então era um jornal que tinha, que foi conquistando muito a atenção de todos os estudantes. E todos os números do jornal há denúncias de prisões irregulares e arbitrarias de estudantes em todo o país. Quem se mantinha, quem estava preso. Era uma divulgação constante não é? Nós vamos ter o exemplo de 1973, com a divulgação da morte do Alexandre Vanuchi, que era estudante de geologia da USP que foi dado como atropelado, morreu não atropelado muito não é? Também em uma edição especial de 1973, foi denunciada prisão do Orestino Guimarães, Monteiro Guimarães que era presidente da federação dos estudantes da Universidade de Brasília. Mas o Gol a Gol, que realmente marcou ele tinha na capa um bordão subversão com um troglodita que denunciava um documento que chegou, chegou numa correspondência anônima no DCE que alguém pegou o documento interno do MEC e esse documento interno do MEC chamava “Como eles agem.” Era uma discussão interna que o MEC fazia sobre como eles, nós agíamos e como eles, MEC, reitorias, governos e todos os níveis deveriam nos tratar. Então o jornal Gol a Gol publicou esse documento, fazendo essa denúncia que como havia um aparato dentro do governo de desmantelamento ou de tentativa de desmantelamento do movimento. No âmbito do ensino, nós tínhamos toda a denúncia do acordo (trecho incompreensível), da tentativa de privatização da educação. também podemos lembrar que a participação estudantil dos órgãos deliberativos da UFMG era muito restrita. Para ser representante do Conselho universitário ou nos colegiados do curso, na representação de 1/5 dos estudantes, é preciso ter média 07 em todas as disciplinas e nenhuma reprovação. Então isso era quase impossível para um militante estudantil. Ainda mais das ciências exatas, não é? Que o índice de reprovação era e ainda é altíssimo. Então as entidades estudantis, eu acho que eu posso dizer nos anos 70, assumiram esse papel. Encontro, divulgação da cultura e denúncia. Havia um grande apego do entendimento da pobreza do país, e da situação de miséria de grandes segmentos sociais. Tem um fato interessante que eu já deixei registrado, vou só mencionar aqui rapidamente. Quando saiu a ideia, quando saiu o projeto do Governo de privatização da Petrobras, nós resolvemos fazer um debate. O Flaminio Fantini era o presidente do DCE e nós resolvemos fazer um debate, convidando várias pessoas e que eram pessoas que vinham do Rio de Janeiro, teve uma chuva violenta, os aviões não saíram do Rio de Janeiro. Quando foi meio dia, o debate foi proibido pela Polícia. O reitor nos avisou e o Professor Luiz Bandeira era o único que estava a caminho, os outros não conseguiram chegar. Então nós resolvemos, nós ficamos muito preocupados porque junto com a proibição, veio uma denúncia de

que dentro da sede cultural do DCE onde se realizaria o debate havia uma bomba e que essa bomba ia explodir na hora do debate. Isso foi um fato marcante porque nós tivemos uma atitude contra a diretoria do DCE junto com os DA's de desconfiar dessa situação e conseguimos, nós aceitamos inicialmente uma busca da Polícia. A Polícia esteve durante duas, três horas lá, levantando as cadeiras, levantando a porta, o teto e num dado momento a gente viu que era uma enganação, e assumimos a realização do debate que foi um debate muito politizado e de discussão política nacional, que já significava a discussão da privatização da Petrobras, toda uma política de modelo econômico à época propunha. Bom, muitos foram aqueles que lutaram contra a ditadura e sofreram com as suas próprias vidas em defesa de uma sociedade democrática. Essas perdas nunca serão repostas. 04 estudantes da UFMG ainda enquanto eram estudantes na luta contra a ditadura militar. São eles Gildo Macedo Lacerda, morto em 1973. José Carlos Novais da Mata Machado, também 1973, líder estudantil da Escola de Direito. Ainda temos o Gildo e José, desculpe. Ele eu já falei não é? Depois nós vamos ter Idalísio Soares Aranha filho que foi morto no Araguaia e Valquíria Afonso Costa que foi morta em ação da Polícia também da Polícia Política no Araguaia. A memória dos três estudantes está hoje guardada com um memorial, um monumento com 04 grossos troncos de árvores onde ficam, fica registrada essa perda ao lado da reitoria, dentro do campus da universidade. E para concluir eu vou fazer referência ao 3º Encontro Nacional dos Estudantes que também já foi hoje aqui citado, quer dizer, esse encontro, a marca importante desse encontro é que ele significou um resultado de um esforço da década desde 1969, digamos, até 1977, o resultado de um esforço nacional de recriação da UNE. Quer dizer, havia clareza de que o movimento cresceu, que o movimento estudantil tinha acumulado espaços. As universidades que não tinham DCE 's começaram a criar centros acadêmicos livres. Então inclusive nós éramos "não livres" porque o nosso era fiscalizado pela reitoria, mas a gente tinha toda a liberdade de organização, por nós vivenciado e conquistada dia a dia e tivemos então com a realização do 3º ENE uma cominância que era esse movimento local pelo Brasil inteiro e nosso local aqui, que aos poucos se reunia e se reorganizava, fosse demais movimentos de outros estados. Então nos reuníamos todos os anos na reunião da sociedade brasileira para o progresso das ciências. Nós reuníamos nos encontros nacionais de engenharia, nos encontros nacionais de matemática, de ciências, enfim. Sempre que haviam encontros científicos nós nos reuníamos entidades estudantis em paralelo, sempre discutindo a reorganização do movimento, o apoio (trecho incompreensível) a denúncia e especialmente a necessidade da recriação da cultura. Então dada essa estrutura e essa organização que tínhamos aqui, houve a decisão de que o 3º Encontro Nacional de Estudantes para a criação ou melhor, para a recriação da UNE seria e que foi que os colegas hoje relataram. Quer dizer, na madrugada do dia 04 de junho, o local onde se realizaria o evento foi a Escola de Medicina. Na verdade o Diretório Acadêmico da Escola de Medicina onde tinha cerca de 400

estudantes. Nós tivemos mais de 2 mil pessoas presas no Estado de Minas Gerais. Vários ônibus foram presos nas estradas e devolvidos. A entrada de Belo Horizonte foi cercada tamanha a importância que era para o sistema repressivo a criação da UNE. Quer dizer, era realmente uma demonstração da capacidade de reorganização desse movimento que teria. É, nós tínhamos à época um trauma com os veraneios. A gente sabia que a Polícia política repreendia secretamente porque não sabia se aonde o preso ia ser levado com as veraneios. Eu não lembro se elas eram marrons, ou azul marinho, ou era as duas coisas. Mas sempre que a manifestação saía na rua, sempre que nós tínhamos as reuniões, as veraneios que quando as veraneios estavam por perto que era a Polícia política secreta para realizar prisões e estas não eram para assustar, porque significavam a possibilidade de desaparecimento do preso. O encontro então foi essa culminância. Ele não se realizou porque as pessoas não conseguiram chegar e Belo Horizonte se tornou uma praça de guerra. No próximo dia 10 de junho, nós estaremos fazendo um ato no Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina em comemoração, em reflexão, em confraternização, passados 40 anos da tentativa de realização do 3º ENE para o qual todos estão convidados. Então eu acho que a gente pode dizer que nos anos 70 nós vamos ter uma retomada do movimento, com muitas prisões e torturas. Com muitos atos terroristas pequenos e (trecho incompreensível). Com a prevalência de uma perspectiva de obscuridade da ação da Polícia, mas vamos manter o movimento estudantil que como disse algum colega, que aqui recebeu, ele teve uma marca muito importante não é? E que nós podemos dizer que a UFMG foi particularmente uma universidade que marcou a sua presença de modo inteligente e astuto na organização do movimento estudantil. Também deixando uma contribuição essencial à retomada da reorganização social mais ampla. Acho que é isso que eu queria dizer para poder dar uma ideia. Obrigada.

MARIA CERES: Obrigada Samira. A gente sabe que você está inclusive apertada por causa de horário de aula, que a gente te coloca à vontade, se você tiver que sair e agora eu vou passar a palavra para o Marcos José Burle Aguiar.

MARCOS JOSÉ BURLE AGUIAR: O baixinho. É, esse era o meu nome aqui quando eu trabalhava pela UNE aqui em Belo Horizonte. Bem gente olha, a primeira coisa é que eu nessas reuniões me sinto muito, com muita dificuldade. Porque eu acho que eu cheguei aqui muito lambendo pelas beiradas mesmo, por isso que eu vim para Minas Gerais. Eu nunca achei que eu merecia o lugar onde eu estava não é? E engraçado é que quando você chega nos lugares que você acha que é difícil, quando você olha as outras pessoas, fala, ih, todo mundo é igual a mim. Ninguém me

chamou, é tudo igual, tudo sabe muito pouco. Essa é que é a verdade. E uma das coisas interessantes é o seguinte, primeiro eu vou, o pessoal pediu para eu falar um pouco sobre a experiência do movimento estudantil nos anos de chumbo mesmo, que foi, eu cheguei em Belo Horizonte, em setembro, outubro de 1969. 1969, e tive que me afastar do movimento estudantil em 70, fim de 70 e depois eu tive que sair de Minas Gerais em 71, porque eu fui procurado pela Polícia. Na verdade eu fui diretor da UNE e aí para explicar um pouco porque que eu cheguei a ser diretor da UNE, eu era presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e nós lá participávamos do movimento estudantil como um todo mas a gente valorizava muito. Talvez que o estudante de medicina fosse muito voltado para as próprias preocupações, com a luta do Hospital das Clínicas. E essa luta do Hospital das Clínicas virou uma coisa emblemática, a gente em 02 anos conseguiu fazer 03 passeatas, ocupar reitoria, prender o reitor, levar o Governador do Estado para uma assembleia estudantil dentro da Faculdade de Medicina e ele ter tempo para falar, não é? O colega é secretário e o José Gomes vai falar o Governador, ele tem 05 minutos para falar. E marcou o tempo, era o Nilo Coelho esse cidadão. E uma coisa, e na verdade eu fui também do DCE e em 1969, com o Ato 5 eu fui num primeiro momento, foi uma lista de 26 nomes para a Faculdade de Medicina para serem cassados e a congregação por unanimidade, com a presença de professores inclusive eméritos, não aceitou cassar nenhum estudante, absolveu a todos e isso levou ao Coronel Jarbas Passarinho que era considerado por muitos um militar democrata em Pernambuco, chamar o diretor da faculdade e dizer para ele que a faculdade tinha desmoralizado o Decreto-Lei 477 que tinha sido aceito no país inteiro e que lá ele tinha sido desmoralizado. E que ele podia não cassar todo mundo, mas que alguém tinha que ser caçado. O diretor me chamou, teve essa conversa e me disse, olha Marcos, se vocês prometerem.